

SOBRE A TRAVESSIA ADOLESCENTE À ADULTEZ: UMA SINGULAR CONSTRUÇÃO E DESCOBERTA DE SI

*Júlia Assumpção Heine** 

*Milena Da Rosa Silva*** 

*Mônica Kother Macedo**** 

RESUMO

Este artigo tem como objetivo explorar impasses, conflitivos e recursos próprios na travessia adolescente à adultez. Ancorada no método psicanalítico, foi realizada uma pesquisa que contemplou a escuta de quatro jovens participantes, com idades entre 18 e 26 anos. Temáticas relativas à autonomia, independência, responsabilidade, desamparo e angústia destacaram-se nas narrativas dos participantes. Optou-se pelos aportes winnicottianos como um dos pilares principais de problematização das questões abordadas no artigo. Os entrevistados nomearam a singular forma de lidar com adversidades e com desafios ao se aproximarem da adultez, destacando-se a relevância da capacidade criativa e lúdica frente às adversidades da travessia à adultez. Constatou-se a importância, no processo de construção de recursos psíquicos, das vivências do campo

* Psicóloga pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Psicanálise pelo Programa de Pós-Graduação Psicanálise - Clínica e Cultura da UFRGS. Especialista em Teoria Psicanalítica e as Psicoterapias na Idade Adulta pelo Contemporâneo: Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade (CIPT). Professora e supervisora no Instituto Contemporâneo (CIPT). E-mail: heine.a.julia@gmail.com

** Doutora em Psicologia pela UFRGS. Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana - IPSSCH/UFRGS. PPG Psicanálise: Clínica e Cultura – UFRGS. E-mail: milena.silva@ufrgs.br

*** Psicanalista. Doutora em Psicologia. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível 1D. Professora do Programa de Pós-Graduação Psicanálise - Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do Grupo de Trabalho: Psicanálise, subjetivação e cultura contemporânea - da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF) membro da Internacional Sándor Ferenczi Network. Email monicakothermacedo@gmail.com

intersubjetivo. Acredita-se, portanto, que os jovens necessitam ser reafirmados em sua capacidade individual de enfrentar desafios, a fim de poderem descobrir e vivenciar o *continuum* de uma experiência criativa frente às demandas da vida.

Palavras-chave: Psicanálise, Desamparo, Criatividade, Adolescência, Adultez

ADOLESCENT CROSSING INTO ADULTHOOD: A SINGULAR CONSTRUCTION AND DISCOVERY OF ONESELF

ABSTRACT

This article aims to explore impasses, conflicts and own resources in the transition from adolescence to adulthood. Anchored in the psychoanalytic method, a research was conducted that included listening to four young participants, aged between 18 and 26 years. Themes related to autonomy, independence, responsibility, helplessness and anguish stood out in the participants' narratives. Winnicott's contributions were chosen as one of the main pillars for problematizing the issues addressed in the article. Those interviewed named the unique way of dealing with adversities and challenges when approaching adulthood, highlighting the relevance of creative and playful ability in the face of the adversities of crossing into adulthood. It was verified the significance, in the construction process of psychic resources, of the experiences of the intersubjective field. It is believed, therefore, that young people need to be reaffirmed in their individual capacity to face challenges, in order to be able to discover and experience the continuum of a creative experience in face of life's demands.

Keywords: Psychoanalysis, Helplessness, Creativity, Adolescence, Adulthood

EL PASO DEL ADOLESCENTE A LA ADULTEZ: UNA SINGULAR CONSTRUCCIÓN Y DESCUBRIMIENTO DE SÍ MISMO

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo explorar los callejones sin salida, los conflictos y los recursos propios en la transición de la adolescencia a la edad adulta. Anclado en el método psicoanalítico, se realizó una investigación que incluyó escuchar a cuatro jóvenes participantes, con edades entre 18 y 26 años. Temas relacionados con la autonomía, la independencia, la responsabilidad, la impotencia y la angustia se destacaron en las narrativas

de los participantes. Los aportes de Winnicott fueron escogidos como uno de los principales pilares para problematizar los temas abordados en el artículo. Los entrevistados nombraron la forma única de enfrentar las adversidades y los desafíos al acercarse a la edad adulta, destacando la relevancia de la capacidad creativa y lúdica frente a las adversidades del cruce a la edad adulta. Se verificó la significación, en el proceso de construcción de los recursos psíquicos, de las experiencias del campo intersubjetivo. Se cree, por tanto, que los jóvenes necesitan reafirmarse en su capacidad individual de afrontar los desafíos, para poder descubrir y vivir el continuum de una experiencia creativa frente a las exigencias de la vida.

Palabras clave: Psicoanálisis, Desamparo, Creatividad, Adolescencia, Adultez

INTRODUÇÃO

A adolescência tem sido amplamente estudada pela psicanálise ao longo dos anos. As proposições psicanalíticas têm contribuído, significativamente, para enfatizar a complexidade inerente a esta etapa de vida. Nesse sentido, experiências relativas às mudanças relacionadas à perda do corpo infantil e aos impasses próprios ao novo momento de vida do sujeito frente ao ingresso no mundo adolescente desdobram-se em questões que aludem a distintos endereçamentos alteritários, bem como ao reposicionamento no laço social. Há dificuldades em demarcar o término do período da adolescência de fato, e de constatar quando o sujeito se torna adulto (Canavêz, & Câmara, 2020). Constata-se nos estudos sobre a adolescência, mais especificamente, naqueles que se dirigem às considerações sobre seu término, a presença de diversas angústias e medos frente à exigência de que o sujeito abdique de aspectos infantis ao se deparar com o momento de assumir-se como adulto (Canavêz & Câmara, 2020; Rosa & Carmo-Huerta, 2020; Oliveira & Hanke, 2017).

Neste artigo, optou-se pelos aportes winnicottianos como um dos pilares de problematização das questões abordadas. Winnicott (1964/1994) diferencia a palavra puberdade de adolescência, considerando que a primeira se endereça aos processos físicos de amadurecimento do corpo, enquanto a segunda remete ao tornar-se adulto por meio do crescimento emocional. O autor entende, também, que a adolescência é um momento de retomada e de revivência dos processos maturacionais

de estágios anteriores do desenvolvimento. Para Winnicott (1986/1999), na adolescência se apresenta uma segunda chance para completar tarefas de integração, personalização, realização, constituição de si e do *self*. Afirmo o autor que esse processo ocorre de forma singular para cada sujeito, identificando que, mesmo havendo semelhanças, a adolescência se constitui mais como uma construção e descoberta de si do que algo global a ser vivido (Winnicott, 1986/1999).

A fim de ilustrar diferenças teóricas, apresenta-se a teoria de Aberastury e Knobel (1970/2003), considerados autores clássicos, pioneiros no campo de estudos sobre a adolescência, cujos estudos operam como referência em muitos trabalhos e investigações posteriores. Os autores lançam um olhar de caráter mais universal sobre este período da vida ao considerarem que as manifestações externas de conduta são culturalmente diferentes, porém, a psicodinâmica e a base do comportamento são, essencialmente, semelhantes, mesmo que ocorram em diferentes locais. Para tal, descrevem uma “síndrome normal da adolescência” ou uma “normal anormalidade da adolescência”. Utilizam a palavra “síndrome” para se referir à vivência e instabilidades extremas, as quais, em outros momentos da vida, seriam consideradas como patológicas, porém, no contexto adolescente, são consideradas pelos autores condutas normais e aceitáveis para o desenvolvimento e maturidade (Aberastury & Knobel, 1970/2003).

Já Winnicott (1986/1999) repudia a utilização da palavra “normal” por considerá-la um termo que denota um pensamento simplista. O autor considera válido entender a sociedade como uma representação coletiva do crescimento individual em busca da realização pessoal, sendo, porém, necessário se atentar às singularidades de cada indivíduo (Winnicott, 1986/1999). Em uma perspectiva próxima a de Winnicott, Canavêz e Câmara (2020) efetuam importante crítica à teoria proposta por Aberastury e Knobel nos anos 1980, destacando nela o predomínio de um reducionismo biologista e naturalizante da adolescência. Em contrapartida, os autores propõem a ideia de uma adolescência marcada pela experiência individual e singular. Dessa forma, na escrita psicanalítica contemporânea, encontram-se estudos que reiteram a importância da singularidade ao longo do processo de passagem da adolescência para adultez (Canavêz & Câmara, 2020; Rosa & Carmo-Huerta, 2020).

Na direção de problematizar a experiência contemporânea de adolecer e tornar-se adulto, Canavêz e Câmara (2020) retomam o psicanalista alemão Erik Erikson (1972/1968), pioneiro no uso do termo “período de moratória” para se referir à adolescência. A adolescência é, portanto, considerada por Canavêz e Câmara (2020), um tempo no qual o sujeito já é fisicamente adulto, porém necessita esperar para acessar psiquicamente o mundo dos adultos. Os autores argumentam que é atribuído ao adolescente o predicado de falta de maturidade, no entanto, não é lhe fornecido acesso à liberdade e autonomia, posição destinada somente ao adulto maduro, constituindo-se, então, um paradoxo, uma vez que aquilo que se deseja que ele alcance é também algo no qual ainda é barrado (Canavêz & Câmara, 2020). Logo, a adolescência é também um período de conflitividades internas e externas, cujo reconhecimento como um sujeito envolve o enfrentamento de conflitos e impasses importantes.

Outros autores contemporâneos tais como Rosa e Carmo-Huerta (2020) afirmam que o despertar da adolescência ocorre quando o jovem se vê interpelado por um acontecimento, frente ao qual a construção do Eu e os apoios e soluções da infância não são suficientes para a formulação de respostas às perguntas por ele geradas. Tais questionamentos, segundo Rosa e Carmo-Huerta (2020), fazem com que o sujeito tenha que se deparar com o seu desamparo e angústia, o que demanda intenso trabalho psíquico, subjetivo e relacional. A hipótese dos autores é de que o processo adolescente não deve ser desenraizado da lógica discursiva, social e política, pois essas instâncias podem trazer tanto suporte, quanto sua falta pode levar ao desamparo no desenrolar do processo adolescente (Rosa & Carmo-Huerta, 2020).

Na adolescência contemporânea tem sido identificado um aumento de sofrimento psíquico dos jovens ao se depararem com a saída do mundo adolescente para encarar o mundo adulto (Minerbo, 2019). Observa-se uma dificuldade e uma aversão dos jovens frente à aproximação da adultez. Esta repulsa pode ser explicada através da hipótese de que o sujeito adolescente tem sido colocado como um ideal da cultura contemporânea, o que pode estar levando a uma recusa dos mesmos em sair desse local tão admirado e idealizado (Calligaris, 2000; Rocha & Garcia, 2008).

Psicanalistas vêm apontando como, desde o início do século XXI, a adolescência passou a ser tomada como um ideal social (Calligaris, 2000;

Rocha & Garcia, 2008). Calligaris (2000) discute que o sonho da cultura ocidental seria um sonho de uma liberdade impossível, representada no adolescente pela rebeldia e pela não necessidade de cumprir as regras do mundo adulto. De modo semelhante, Rocha e Garcia (2008) afirmam que ter a adolescência como um ideal cultural pode ser uma defesa contra o desamparo essencial de todos os seres humanos, ou como uma resposta ao mal-estar na cultura, na medida em que o jovem é colocado como representante dos ideais de liberdade, transitoriedade e fluidez das identidades, condições exigidas pela vida contemporânea. Dessa forma, Rocha e Garcia (2008) argumentam que, ao se colocar a adolescência como um ideal contemporâneo, passa-se a identificá-la com a fantasia de um gozo sem limites, equiparando-a à liberdade de experimentação sem as responsabilidades do mundo adulto. Nessa configuração, à adolescência corresponderia à experiência de ausência de restrições e limites.

A partir de proposições que evidenciam complexidades na transição adolescente à etapa adulta, este artigo retrata uma investigação cujo objetivo central foi escutar jovens a respeito de suas percepções sobre este processo de constituição como adultos. Com o intuito de explorar singularidades sobre o processo de tornar-se adulto na contemporaneidade, foram priorizadas as condições de pesquisa que acolhessem narrativas em primeira pessoa a respeito desta experiência.

MÉTODO

Nesse sentido, a escolha metodológica da pesquisa baseou-se nos assinalamentos propostos por Freud que, ao voltar seu trabalho a aspectos psíquicos do sujeito, logo percebeu a impossibilidade de estudá-lo a partir das concepções tradicionais do paradigma experimental (Dockhorn & Macedo, 2015). Desta forma, optou-se pelo método psicanalítico de pesquisa, que vem contribuindo com relevantes investigações sobre temáticas contemporâneas (Lo Bianco, 2003; Dockhorn & Macedo, 2015; Dal Forno & Macedo, 2021). Realizou-se, então, uma pesquisa¹ psicanalítica, com dados empíricos obtidos por meio da realização de entrevistas.

No intuito de obter uma compreensão sobre os fenômenos relativos à transição adolescente à etapa adulta, foram realizadas entrevistas

semiestruturadas com quatro adultos jovens com o objetivo de acessar suas narrativas a respeito de desafios, recursos e impasses experienciados. Desta forma, todos dados desta pesquisa derivam de entrevistas realizadas com jovens que tinham idades entre 18 e 26 anos e estavam cursando uma graduação universitária. Os critérios de inclusão foram a idade e o local de residência, ou seja, os participantes precisavam ter entre 18 e 30 anos e residirem no Estado do Rio Grande do Sul. Foi utilizada a técnica Bola de Neve (Turato, 2010) como procedimento de coleta de dados, segundo a qual o primeiro participante indica o outro e assim sucessivamente. Dessa forma, a partir da divulgação da pesquisa, junto a colegas psicanalistas e pesquisadores, surgiu a possibilidade de contatar o primeiro participante que demonstrou interesse em participar da pesquisa. Segundo a técnica proposta por Turato (2010), os demais participantes foram indicados sucessivamente. As entrevistas duraram cerca de uma hora e se deram tanto de forma presencial (01) quanto na modalidade on-line (03), respeitando-se a preferência dos participantes. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio após a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, posteriormente, transcritas, a fim de assegurar a fidedignidade dos dados.

Resguardadas as condições de uma fala na qual questões singulares de cada indivíduo pudessem aparecer, os seguintes eixos temáticos nortearam as entrevistas: 1) Narrativa sobre a experiência de adolescer; 2) Experiências relevantes no acesso ao mundo adulto; 3) Relação com grupos de pares e família ao longo desse período; 4) Sentidos que o sujeito atribui à adultez; e 5) Efeitos da pandemia na transição para a adultez (visto que a pesquisa foi realizada no ano de 2022). Todas as entrevistas foram iniciadas a partir do eixo temático um, solicitando que os participantes pudessem narrar sua experiência de adolescer e, a partir desse ponto de partida, era respeitada a associação livre de cada participante. Portanto, mesmo que todos os eixos temáticos tenham sido abordados, cada entrevista seguiu um caminho único e singular. Foi nítido que alguns participantes tiveram maior espontaneidade e desejo de narrar a sua trajetória, enquanto outros se mostraram mais tímidos e receosos em compartilhar algumas vivências, necessitando maior atividade na proposição de questões por parte da pesquisadora para seguirem sua fala. As características dos participantes da pesquisa são apresentadas no quadro a seguir.

Quadro 1. Identificação dos participantes

Participante	Sexo	Idade	Escolaridade
Laura ²	F	18	Ensino Superior Incompleto
João	M	19	Ensino Superior Incompleto
Maria	F	19	Ensino Superior Incompleto
Daniel	M	26	Ensino Superior Incompleto

Nas trajetórias dos participantes foram identificados alguns aspectos em comum, como, por exemplo, o fato de terem cursado colégios particulares e frequentarem, no momento das entrevistas, um curso de graduação universitária. Dois participantes ainda moravam na casa da família de origem, uma participante estava em transição para morar com o namorado, e por fim um participante já havia saído da casa dos genitores há alguns anos. Outro aspecto relevante foi que todos os participantes expuseram de forma voluntária que já haviam realizado algum tipo de psicoterapia. Os quatro participantes referiram ter buscado terapia por terem, ao longo de sua adolescência, enfrentado questões de ansiedade e/ou depressão. Entendeu-se, a partir de suas narrativas, que a busca por auxílio profissional esteve alinhada ao desejo de compreenderem melhor seus singulares processos de transição para vida adulta e aspectos que demandaram um trabalho terapêutico voltado a saberem mais de si mesmos.

Por se tratar de uma pesquisa ancorada no método psicanalítico, os dados acessados foram analisados à luz da psicanálise, tendo como foco os estudos de Freud (1914/2010; 1895/1996; 1930/2010), a respeito do narcisismo, idealização, limites e desamparo, e de Winnicott (1960/2022; 1963/2022; 1968/2019; 1971a/2019; 1971b/2019) sobre a importância do ambiente, constituição do *self*, busca de independência, uso do objeto, criatividade e capacidade de Brincar do sujeito. O trabalho com os dados obtidos nas entrevistas se deu através da estratégia de pesquisa psicanalítica de três tempos do testemunho proposta por Dal Forno e Macedo (2021). Os autores sustentam uma proposta de pesquisa psicanalítica através de uma articulação entre três pilares: a caracterização do pesquisador psicanalítico, sua transferência com a psicanálise e a produção de saber metapsicológico ancorada no espaço de orientação universitária (Dal Forno & Macedo, 2021).

A caracterização do pesquisador psicanalítico diz respeito à postura que este deve assumir ao desejar investigar questões relativas às manifestações singulares do sujeito psíquico. Tendo como modelo a forma investigativa proposta por Freud, Dal Forno e Macedo (2021) consideram que o pesquisador psicanalítico tem um compromisso com a revisão e ampliação da metapsicologia que sustenta a Psicanálise de forma contínua. Os autores assinalam que o pesquisador psicanalítico, através da sua transferência com a psicanálise, se encontra em uma posição de reconstruir o campo de conceitos metapsicológicos, já estabelecidos anteriormente por outros pesquisadores transferenciados pela psicanálise, sendo que, por meio de suas investigações, poderá propor novos conceitos ao campo da metapsicologia a fim de ampliar a produção de saber no campo analítico.

A relação do pesquisador com os dados, segundo Dal Forno e Macedo (2021) tem seu primeiro tempo quando o pesquisador ocupa o lugar de testemunha da narrativa do participante de pesquisa, por meio da escuta ofertada. Esta etapa é marcada pela abertura do pesquisador à singularidade da história de cada participante, atentando sensivelmente para suas narrativas e respeitando a associação livre de ideias de cada participante. Por isso a escolha por uma entrevista semiestruturada, na qual a escuta da pesquisadora teve como norteadores os eixos temáticos, os quais operaram apenas como estímulos e disparadores de fala para cada um dos participantes. Lo Bianco (2003) assinala a importância de o pesquisador estar implicado em seu material de estudo, visto que esse processo é viabilizado pela transferência. No mesmo caminho, Dockhorn e Macedo (2015) consideram impossível a neutralidade na investigação, considerando-a, inclusive, indesejada. Cabe ressaltar a distinção entre neutralidade e abstinência, uma vez que o psicanalista-pesquisador deve manter-se abstinente devido ao não exercício da sugestão e ao constante exercício de pleno respeito ao desejo e à associação livre do sujeito (Dockhorn & Macedo, 2015).

O segundo tempo do delineamento metodológico escolhido o ocorre mediante a análise e a interpretação dos dados obtidos nas entrevistas. Para tal, em conjunto com o orientador psicanalista, busca-se o objetivo de ampliar o processo criativo de investigação e escrita através da transferência e da alteridade construídas entre a dupla pesquisador-orientador. Neste momento o trabalho conjunto se deu a partir das

transcrições das entrevistas e, nessa interlocução entre a pesquisadora psicanalista e o supervisor/orientador, pode-se ampliar o processo de escrita. Segundo os autores, “a figura do orientador psicanalista apresenta-se como aquele que, por meio da prática de orientação/supervisão, favorece condições para sustentar o processo de desvelamento e interpretação de novos achados e produção de novas ligações” (p. 7).

Por fim, o terceiro tempo se refere à produção do ensaio metapsicológico, ou seja, é construído o material no qual são apresentados os achados da pesquisa permitindo a circulação do saber produzido (Dal Forno & Macedo, 2021).

Apresenta-se, na sequência, as reflexões produzidas a partir do trabalho realizado com as narrativas dos participantes. Entende-se que as temáticas por eles abordadas permitiram tecer importantes considerações sobre os enfrentamentos e impasses na conflitiva da entrada do jovem adolescente no mundo adulto.

DISCUSSÃO

ADULTO: SOU OU NÃO SOU?

Afinal, o que é ser adulto? Com o intuito de compreender o processo de se constituir adulto na contemporaneidade, viu-se como necessidade explorar em primeiro lugar o que os jovens entrevistados nomeavam como “ser adulto”. Observou-se que os participantes, ao serem questionados sobre os sentidos que atribuíam à adulez, expressaram respostas que aludiam a campos distintos. Expunham, de forma discrepante, o que consideravam ser adulto segundo os atributos oriundos da sociedade *versus* o que **pessoalmente** consideravam como sentir-se adultos. Os participantes, de forma geral, apresentavam inicialmente uma ideia de adulez entrelaçada a cobranças do laço social, ligada a conquistas normativas como fazer 18 anos, ter um trabalho, morar sozinho, dirigir etc. Por outro lado, ao discursarem sobre a sua passagem singular da adolescência para a adulez, as narrativas traziam marcas de conquistas pessoais como enfrentamentos de medos e angústias, ou ter autonomia e responsabilidades sobre seus desejos.

Laura, participante de 18 anos, filha de pais separados, estava, na época da entrevista, saindo da casa da mãe para morar com o namorado.

Foi uma das participantes mais ativas ao longo das entrevistas trazendo relatos de sua adolescência de forma espontânea e intensa. Laura considera que ser adulto é composto por ter responsabilidades e deveres, como poder beber e dirigir ao completar 18 anos. Em contrapartida, expôs que se sente adulta desde seus 9 anos de idade: *“Eu sentia que eu tomava as minhas decisões, que eu era muito responsável e que sabia o que eu queria”*. Na sequência da entrevista a participante referiu identificar um contraste entre a visão da família sobre adulez, na qual o dinheiro se apresenta como ponto central para se atingir o status de adulto *versus* a sua forma de pensar o que é ser um adulto. Segundo Laura, sua família considera ser adulto trabalhar, pagar suas contas e ter uma família. Winnicott (1963/2022) considerava que atingir a idade adulta ocorre no equilíbrio entre pegar as referências dos pais ao mesmo tempo em que se estabelece condições para desenvolver uma identidade pessoal. A condição enunciada pelo autor pode ser observada no discurso da participante que já reconhece que a *sua* visão sobre a adulez não necessita ser a mesma criada pela sociedade ou por seus pais.

Ao longo da entrevista, Laura narra que também considera ser adulto a condição de poder tomar as próprias decisões com liberdade, sendo a liberdade considerada por ela como a capacidade para

*Tu poder mudar de ideia sem ter medo, porque é isso, nossa era uma coisa em que eu nunca podia mudar de ideia. Era tipo decidi é isso. E as coisas tinham que ser fixas assim, as coisas não podiam ser instáveis. Eu acho que com a adulez tu entende que o instável não é ruim. Ter incertezas não é ruim porque tu tens a **liberdade** de mudar de ideia.*

Hoje em dia, ao tomar uma decisão que considera extremamente importante em sua vida, a de ir morar com o namorado, sente que o pai já se mostrou mais flexível ao lhe permitir testar essa vivência e, caso não goste, possa mudar de ideia. Laura conclui que isso para si é uma grande conquista. Se coloca como questionamento se esta conquista demarca de fato uma liberdade, ou se a jovem inconscientemente ainda se encontra em uma posição de necessitar da autorização dos pais para ter a sua “liberdade”. Por outro lado, a participante afirma que primeiro decidiu pela mudança para a casa do namorado sem ter contado para os pais. O que a narrativa

de Laura parece explicitar é que, caso não houvesse o apoio dos pais, ainda sim tomaria suas decisões, porém com muito mais angústia e dificuldade. O amparo da família, tanto financeiro quanto de apoio emocional, proporciona que estas conquistas possam ser menos doloridas.

Desde outro ponto de vista, a participante Maria, de 19 anos, afirma sem hesitar que considera ser adulto “já ter responsabilidades e já poder tomar conta da própria vida”. Acrescenta que, além da responsabilidade, considera a **autonomia** como ponto central em ser adulto. Maria é a filha caçula, atualmente está em seu segundo ano de faculdade. A jovem afirma que ainda não se considera adulta, pois depende muito dos pais emocional e financeiramente. Maria traz à tona, em sua narrativa, uma certa aversão a se tornar adulta, “[...] que eu odeio fazer aniversário, ficar velha, odeio. Meus amigos falam que eu tenho a síndrome do Peter Pan, eu sinto que não quero perder esse momento, sinto que depois vai ser muito mais complicado”. Pode-se observar, através da fala da participante, que há uma certa repulsa ao envelhecimento como um todo, no qual, de forma discreta, apresenta-se certo medo ao ter que lidar com questões que serão “muito mais complicadas”. Maria também afirmou em sua entrevista que

Acho que não tem nada de mar de rosas em ser adulta. É bom ter essa coisa da liberdade, de fazer o que tu quer, de ser quem tu quer, mas acho ruim que também tu que tem que botar a cara para bater em tudo. Tem que fazer, se quer, tem que correr atrás.

Diante desta fala, questiona-se se os períodos anteriores à adultez, como a adolescência e a infância, seriam então um “mar de rosas” como refere Maria. Em todas as fases da vida se faz necessário dar conta de perdas e castrações que a vida impõe, algo que parece ser suprimido de sua fala ao assumir que somente na condição de adulta terá que ser enfrentado. Como diz Freud (1930/2010), o sentimento de desamparo é inerente a todo ser humano, e é presente em todos os momentos da vida. Nesse sentido, ressalta-se que o desamparo pode ser visto como estruturante do psiquismo, não podendo ser ultrapassado, apenas contornado (Silva, 2012). A dificuldade dessa jovem frente à aproximação da vida adulta parece aludir à ideia da adolescência como ideal da cultura contemporânea (Calligaris, 2000; Rocha & Garcia, 2008), como mencionada anteriormente.

Ao considerar-se a narrativa da participante Maria, propõe-se que a participante, ao se aproximar da adultez, tem um aumento de angústia por ter que encarar seu próprio desamparo essencial. Observa-se que, como a jovem tem condições de ainda poder contar com os pais financeira e emocionalmente, ela pode transitar neste mundo adulto no ir e vir, testando sua autonomia, já que possui um local de segurança e amparo para falhar e cair. Maria, com 19 anos, está em seu segundo ano de faculdade e reconhece que, neste processo de se tornar adulta, está ainda dando seus primeiros passos. O participante João, de 19 anos, compartilha do sentimento de ainda não se considerar totalmente adulto. Sobre este tema o jovem afirma:

Eu diria que pela lei eu sou adulto, mas eu ainda sou extremamente dependente dos meus pais pra eu poder sobreviver. Então eu consideraria alguém adulto por completo talvez aquele que seja autônomo, que esteja trabalhando, que consiga se sustentar, consiga enfim, sabe, enfim, ser autônomo no geral né.

Vemos aqui que a temática autonomia também se apresenta na narrativa de João. O participante é o filho mais velho de pais separados. Possui três irmãs mais novas e aparenta sentir uma pressão dos pais para que “amadureça” mais rápido que seu ritmo individual o tem permitido. Ao longo da narrativa de João, foi notável que, além de seu desejo de crescer e se ver como adulto, havia também uma certa imposição como uma tarefa a ser seguida. Ele diz

Eu já tenho essas conversas com a minha mãe bastante e ela fala ‘olha te enxerga, tu já tens 19 anos, tu já está mais velho’ e tal, mas bom não me sinto maduro o suficiente para ser comparado com um adulto de formação completa, certo. Bom, recém saí do colégio, estou cursando os primeiros anos de faculdade e acho que é por aí.

A cobrança de mostrar-se “adulto” marcou presença na entrevista de João associada ao fato de se perceber maior dificuldade do participante em falar de forma mais livre e espontânea com a pesquisadora, apresentando certo receio em admitir suas dificuldades ao longo desse processo de crescimento. A narrativa de João demonstra uma fantasia de que é possível se tornar totalmente apartado de seus pais, uma certa ilusão narcísica de completude total. Freud (1914/2010) em seu texto a respeito

do narcisismo diz que o narcisismo primário implica um momento que o sujeito ainda não reconhece o outro e, conseqüentemente, rejeita a necessidade dele. Poderia a visão de João remeter a um retorno ao narcisismo primário que busca essa completude narcísica onipotente?

A fala de João explicita que, mesmo considerando-se que pela vigência de critérios “legais” já tenha idade para ser considerado adulto, acredita que irá se sentir adulto quando tiver maior independência de seus pais. Apresenta-se como hipótese que haja uma confusão que iguale a ideia de conquistar uma autonomia própria à de romper totalmente com os vínculos primários. Winnicott (1963/2022), no artigo “Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo”, fala sobre a jornada de se tornar um indivíduo independente de seu ambiente. O autor enfatiza a importância do amparo que o ambiente provê ao longo desse processo, pois “A independência nunca é absoluta. O indivíduo saudável não se torna isolado, mas relaciona-se ao ambiente de um modo que podemos dizer que o indivíduo e o ambiente são interdependentes” (p. 105). Nessa direção, mesmo se tornando independente dos pais no que se refere a questões financeiras, o jovem, ao se tornar adulto, nunca será totalmente independente.

Na sequência de sua entrevista, João diz que completou a maioridade durante a pandemia e por isso não teve a possibilidade de vivenciar experiências do mundo adulto. Ao refletir sobre o processo de tornar-se adulto, refere-se à sensação de ter ficado com sua vida “*pausada*”, sem poder experienciar as mudanças que a maioridade iria lhe proporcionar, como: dirigir, beber, sair para festas e, em suma, viver uma vida de maior liberdade, já que estava “*preso*” em casa. Podemos questionar qual será a fantasia do participante no que considera “*coisas de adulto*”, visto que muitas dessas coisas são vividas por diversos jovens durante a adolescência, antes mesmo de se tornarem adultos. Pode-se considerar, a partir do testemunho de João, que mesmo tendo aos olhos da Lei uma idade para ser adulto, o sentimento de ser adulto aparece vinculado a experiências novas de autonomia, concomitantes com o desfrutar da segurança que o ambiente familiar produz. Como escreve Winnicott (1963/2022) o indivíduo passa ao longo da adolescência a aumentar gradualmente seu círculo social, e cabe aos pais poder regular tal crescimento como forma de proteção dos

riscos ainda incompreensíveis para os adolescentes. A vivência da pandemia surge na fala de João produzindo ruídos na construção da autonomia.

Canavêz e Câmara (2020) argumentam que o trabalho psíquico da adolescência decorre menos das transformações fisiológicas associadas à puberdade e mais de uma determinada vivência social experienciada pelo sujeito adolescente. Nesse sentido, os autores propõem compreender a adolescência como uma *experiência*, pois argumentam que a adolescência possui um marco que dá início à sua existência, a eclosão da puberdade, contudo, não conta com marcadores específicos que sejam capazes de caracterizar o seu fim. Pode-se considerar, a partir das entrevistas realizadas, como o trabalho psíquico da entrada no mundo adulto também pode se dar por meio de uma experiência singular na qual o sujeito enfrenta mudanças e ampliações do seu mundo. Conforme propõem Canavêz e Câmara (2020), constituir-se adulto não ocorre através de um único marco na vida dos jovens, mas sim, por meio de um processo de apropriação de experiências de individuação e alteridade.

A narrativa de um participante mais velho, Daniel, de 26 anos, permitiu abordar outras temáticas. Ao longo de sua adolescência, o jovem mantinha uma relação distante como os pais e com a irmã mais velha. Conta que, ao longo deste período, se identificou como homossexual e teve diversos conflitos amorosos. Sentia que não tinha muitas pessoas com quem conversar e compartilhar seus sentimentos, o que levou a ter uma depressão grave. Sua relação com os familiares melhorou, segundo ele, somente quando já estava mais velho e saiu da casa dos pais.

Ao ser questionado sobre os sentidos que atribuía à adultez, Daniel afirma: “*se tornar adulto para mim eu acho que é me tornar dono das minhas próprias escolhas*”. Nota-se que sua fala alude ao fato de que para se considerar adulto é necessário que ocorra uma separação entre si e o outro. Daniel também afirma que ser adulto é se tornar responsável por aquilo que se faz, entendendo que suas escolhas terão efeitos e consequências. Conta que, quando passou no vestibular, experienciou a difícil decisão a respeito de mudar-se ou não para outra região do país. Suas preocupações se referiam a como seus pais ficariam sem ele, visto que, na época, dependiam dele para diversas coisas, por outro lado, também se sentia culpado pelo fato de ainda depender deles financeiramente:

Eu ficava muito nessa questão de saber se eu tava fazendo o certo, se era certo, até se era um certo egoísmo em relação a isso eu poder ir para outro lugar com os pais pagando. Isso é uma questão muito forte pra mim. Então quando eu decidi e eles aprovaram, por mais que tivesse essa vida financeira atrelada a eles, entendi que eu era adulto por conta e a partir do momento que eu viesse para cá todas as decisões que eu tomasse seriam responsabilidade minha, não envolviam terceiros. Então eu acho que para mim isso é ser adulto.

Ao comentar o texto de Winnicott “O uso de um objeto e relacionamento através das identificações”, Cintra (2018) afirma que a destruição do objeto na fantasia, sobre a qual fala Winnicott, é, na verdade, um esforço para se diferenciar do mundo e dos outros. A autora descreve que há uma necessidade de “destruir e recuperar” (p. 697), a qual equivale à brincadeira descrita por Freud no jogo do carretel, o fort-da. Por meio dessas brincadeiras de presença-ausência se coloca a possibilidade de o bebê aceitar sua independência do outro, ao se dar conta de que não possui um controle onipotente sobre o objeto (Cintra, 2018). Na fala de Daniel, se faz presente a constatação de que mesmo os adultos necessitam testar a sobrevivência do objeto mediante o afastamento dele. Questiona-se como famílias em condições diversas lidam com essas situações de oscilação de independência que ocorre ao longo deste processo. Esta independização não ocorre de uma forma contínua e crescente, é um processo de altos e baixos em que ocorrerão regressões importantes. É necessário refletir que muitos jovens talvez não tenham um ambiente que lhes proporcione condições de busca de seu desejo e autonomia, o que pode acarretar intenso sofrimento psíquico.

Para Daniel, possuir responsabilidades é um atributo da adultez, afirmando que, nessa condição,

*a questão é a noção de responsabilidade, eu não falo nem porque você pode ser adulto e morar com seus pais, não tem essa questão, mas eu acho que quando a gente ainda mora com os nossos pais a gente sempre tem aquela certeza de que por mais que a gente não faça o que precisa fazer a gente vai ter o conforto a segurança de estar com eles, vão estar provendo alguma coisa. Quando a gente está **sozinho**, pelo menos a minha visão hoje, a gente tem que ir... pelo menos eu entendi que eu tinha que ser responsável por aquilo que eu fazia. E isso num geral eu acho se torna adulto, as pessoas serem responsáveis de alguma forma faz.*

A fala de Daniel alude a um momento na vida em que os jovens necessitam constituir recursos para separar-se de seus pais, física e emocionalmente, para encarar a vida de uma forma mais autônoma e, consequentemente, solitária. Recorre-se à teoria de Winnicott (1958/2022) para compreender como os jovens desenvolvem a capacidade de encarar os desafios da vida adulta de forma mais autônoma. Em seu texto “A capacidade de ficar sozinho”, Winnicott (1958/2022) discorre sobre como o indivíduo adquire esta capacidade, e em como esta aptidão é um dos sinais mais importantes de amadurecimento no desenvolvimento emocional. Esta habilidade começa a se desenvolver desde muito cedo no lactente, durante um estágio de relação unipessoal, individual – o narcisismo (primário).

Winnicott (1958/2022) coloca que essa capacidade se desenvolve através de um paradoxo, “Embora muitos tipos de experiências levem à formação da capacidade de ficar só, há um que é básico, e sem o qual a capacidade de ficar sozinho não surge: trata-se da experiência de ficar sozinho, como bebê ou criança pequena, na presença da mãe” (p. 36). Sugere-se através deste ponto de vista que esta capacidade de lidar com a solidão, a qual começa a ser adquirida desde muito cedo na vida do sujeito, permanece sendo reinventada e elaborada por toda vida. Em diversos momentos do ciclo vital, o sujeito terá que se deparar com seu desamparo essencial e sua solidão individual.

O percorrido das entrevistas indica a importância que as condições familiares possuem ao longo desse processo de passagem para a adultez. Elementos relevantes aludem ao fato de que, apesar da necessidade de se separar dos referenciais parentais para construir uma forma alteritária e pessoal de ver o mundo, é importante considerar que os pais possuem um papel fundamental de acolhimento e estruturação na vida dos filhos a fim de permitir que se descubram ao mesmo tempo que ainda possuam amparo para se sentirem seguros neste desbravamento do mundo.

Winnicott (1958/2022) demonstra que desde muito cedo o indivíduo necessita da presença do amparo ambiental para prover uma continuidade de ser; necessidade que permanece ao longo de outros momentos da vida, especialmente em momentos de mudanças como na passagem da adolescência para adultez. Observa-se, na narrativa

do participante João, como os jovens podem vir a ter uma dificuldade extra no processo de continuidade do ser caso não encontrem na família recursos de acolhimento e reconhecimento de suas capacidades. João expõe, ao longo de sua narrativa, viver um momento de solidão no decorrer de sua busca por maior independência por ter genitores que vivem conflituosas próprias, exigindo, muitas vezes, que o jovem seja mediador de conflitos de seus próprios pais. Concomitantemente, João expõe sentir-se cobrado pela mãe a amadurecer rápido, e demonstra sentir-se pressionado a ter autonomia “total” e não depender mais de seus pais, o que acaba por aumentar sua angústia. Já na narrativa de Daniel, percebe-se que, mesmo tendo um passado conflituoso com os pais, o jovem pode encontrar neles uma experiência de amparo em um momento de regressão - de dependência financeira - ao tomar um passo rumo a seu crescimento e independência. Destaca-se como diferença entre as duas narrativas o sentimento de angústia *versus* o alívio de se ter ou não apoio e paciência dos pais como amparo ao longo deste processo. Winnicott (1986/1999) em seu artigo “A imaturidade do adolescente” afirma ser imprescindível que os pais exerçam sua função parental para que o adolescente tenha a liberdade de ser imaturo, ato de saúde na adolescência. Tais constatações remetem ao que Winnicott (1968/2019) desenvolve em sua teoria a respeito de ser a imaturidade a característica principal da adolescência. Dessa forma, observa-se que a imaturidade é um elemento essencial da saúde na adolescência, pois é a partir dela que o adolescente, segundo Winnicott (1968/2019), pode vir a desenvolver o pensamento criativo, sentimentos novos e frescos, poder ter ideias para uma nova vida. “Há apenas uma cura para a imaturidade: a passagem do tempo e o crescimento da maturidade trazida pelo tempo” (p. 232).

Assim, no que concerne ao processo de se constituir adulto na contemporaneidade, conclui-se que, nas entrevistas realizadas, foi possível identificar situações nas quais os jovens têm apresentado uma alternância entre o desejo de se separar de seus pais *versus* o medo de enfrentar o mundo sozinhos. Considerando as angústias que se intensificam com essa revivência do desamparo, percebe-se ser necessário paciência e amparo ao longo desse processo, o qual não é linear e nem sempre gradativo.

Não há uma idade exata para que essa “maioridade” seja atingida, já que muitos indivíduos terão que lidar com autonomia e responsabilidades desde

muito cedo em suas vidas. Coloca-se como aspecto essencial nesse processo que a adultez não seja considerada estando estritamente relacionada a manifestações como práticas sociais associadas a uma certa autonomia como trabalhar, dirigir, e sim que se leve em consideração as condições emocionais e até mesmo os singulares conflitos psíquicos enfrentados por um jovem neste momento de vida. Percebe-se que os jovens participantes deste estudo ilustram, por meio de suas narrativas, a presença, no processo de transição à adultez, do enfrentamento de seu desamparo essencial. Tal constatação levou ao questionamento sobre a qualidade de recursos internos e externos para dar conta do mal-estar com o qual se deparam e lidam com esta passagem adolescente para a adultez.

Trata-se, assim, da importância de contar com recursos ou de reconhecer a fragilidade instaurada diante de sua precariedade. Birman (2020), em seus estudos a respeito do desalento, aponta que o sujeito contemporâneo tem apresentado grande dificuldade em endereçar o seu sofrimento ao outro, muitas vezes fechando-se sob si mesmo em sua própria dor. Cria-se como hipótese, a partir das entrevistas apresentadas, que se os sujeitos, ao longo do processo de se constituírem adultos, não tivessem encontrado recursos simbólicos para encarar o processo de desidealização da vida e aceitação de limites da castração, poderiam vir a ter uma vida entregue a este desolamento. Assim, ressalta-se em seus discursos a necessidade de amparo e segurança neste processo de enfrentamento do desconhecido.

IMPASSES, CONFLITIVAS E RECURSOS PRÓPRIOS À TRAVESSIA ADOLESCENTE À ADULTEZ

A partir das narrativas dos participantes sobre atributos da adultez apresenta-se, neste tópico, questões referentes ao enfrentamento de conflitivas e impasses próprios a este momento de travessia. Buscou-se identificar e explorar os aspectos nomeados por eles como facilitadores deste processo, bem como os impasses experienciados no acesso ao mundo adulto relacionados com a cultura atual.

O período da adolescência alude a mudanças importantes que o jovem tem que enfrentar em sua vida, tal como mudanças corporais, de relacionamentos e busca de novos referenciais (Winnicott, 1964/1994;

Winnicott, 1986/1999). Além dessas questões, que já exigem intenso trabalho psíquico, dois participantes, ao se referirem à sua adolescência, também enfrentaram a separação de seus pais. Laura relata esta experiência:

[...] a minha adolescência no início já começou com os meus pais se divorciando então foi uma coisa bem conturbada. Ai logo que eles se divorciaram eu passei por um período de depressão bem severa.”. Outro participante, João, afirmou que: *“quando eu tinha 10 anos meus pais se separaram foi uma separação muito conturbada, muito difícil, e essa depressão foi principalmente ocasionada por isso.*

Ambos relacionam a separação dos pais à vivência de um processo depressivo ao longo da adolescência. Ademais, é possível observar outra semelhança entre os participantes relativa à tentativa de sair de casa associada ao afastamento de problemas familiares:

Então eu sentia um conforto muito na parte externa da minha casa né, a partir do momento que eu ia pro colégio e via meus amigos sabe, ia em festa sabe achava muito, muito bom essa saída de casa. (João, 19 anos)

Eu me sentia muito sozinha na minha adolescência, em casa principalmente porque meus pais sempre trabalharam muito e na minha infância eu meio que fui criada por babás e empregadas, sabe. Eu entendo que eles tinham que trabalhar para conseguir dinheiro para me sustentar, mas, né, às vezes, falta um pouco de tipo carinho e afeto. E aí na minha adolescência eu ficava em casa... assim eu passava o dia inteiro na escola estudando, eu chegava em casa e era cada um comendo no seu quarto, estudando, fazendo suas coisas, trabalhando... Então por isso que eu sempre queria sair toda oportunidade que dava para sair, para ir em festa, eu estava lá. (Laura, 18 anos)

Ao mesmo tempo em que os participantes indicam que os grupos de pares podem oferecer apoio no enfrentamento dos conflitos próprios desse período, também assinalam que tais grupos podem, por outro lado, intensificar as conflitivas ao longo da adolescência. A participante Laura, apesar de referir a escola como um local de escape, também relata que enfrentava, na mesma época, *bullying* de seus colegas. Sentia-se ridicularizada devido ao seu jeito de *ser*, não se sentindo aceita e acolhida. No momento da entrevista, com 18 anos, considerava ter um entendimento melhor de quem era e qual seu lugar no mundo. Entende que fora necessário viver diversas mudanças corporais, de relacionamentos

e busca de um propósito na vida para se achar. Ao narrar sua saída do colégio e entrada na faculdade, Laura diz que se sentiu aliviada:

Eu encontrei pessoas que pensam parecido comigo. Durante a escola eu passei por muito tempo que eu era muito diferente porque eu pensava muito diferente dos outros, que eu tinha reações e comportamentos muito diferentes dos outros. Às vezes, umas coisas que as pessoas não ficavam bravas eu ficava muito brava, sabe. Ou coisas assim tipo que eu sentia gente, mas eu tô louca, então tipo o que é? Por que que ninguém pensa que nem eu? Por que que ninguém tem a mesma visão? E na faculdade tem mais gente que meio que me entende [...].

De forma recorrente, os grupos de pares e “modas da época” fazem com que os jovens se sintam pertencentes a um grupo, tendo uma identidade grupal. Porém, quando isso não acontece pode haver uma retaliação dos pares, o que pode levá-los a se sentirem ainda mais sozinhos. Amiúde, essas angústias de uma busca de identidade explicitam a necessidade de ter referenciais externos para definir o que sentem no processo de descoberta de si. Winnicott (1986/1999), atribui muita importância ao ambiente familiar no processo da continuidade do ser do indivíduo e, também reitera a importância da relação e posição que um indivíduo tem dentro de uma sociedade. O autor afirma que não há como atingir uma plenitude pessoal sem a sociedade, pois o indivíduo não se torna completamente isolado e independente ao longo de sua vida (Winnicott, 1986/1999). O autor afirma que:

Na verdade, precisamos aceitar o fato de que pessoas psiquiatricamente saudáveis dependem, para serem saudáveis e para a sua plenitude pessoal, do fato de serem leais a uma área limitada da sociedade, talvez o clube de bocha local. E por que não? (Winnicott, 1986/1999, p. 149).

Além das experiências em grupos, observa-se que na família, mais especificamente nas relações fraternas, também podem constituir-se espaços, nos quais os jovens encontram referências para a constituição de suas formas de ser e estar no mundo. Maria, participante de 19 anos, é a filha caçula e considera seu irmão mais velho como uma grande referência para seu processo de independização na direção de se tornar adulta. A participante diz:

Sempre que eu tinha alguma questão sobre esse tipo de coisa de amadurecer eu tinha o exemplo do meu irmão que já passou por esse processo antes. Então ele me ajudou muito nisso no início da faculdade porque ele também estudou na Universidade X, então ele já conhecia como é que funcionava, então foi meu apoio nisso.

Daniel, por outro lado, afirma que tinha uma relação distante de seus pais e irmã ao longo da adolescência

Na época eu não tinha uma relação fácil com a minha irmã. Ela é mais velha, 7 anos mais velha. Então por muito tempo nós não éramos amigos, não tínhamos uma convivência muito boa. Apesar de morarmos na mesma casa. Até passamos algum tempo sem nos falarmos, foi quase um ano sem nos falar devido a uma das brigas.

O participante afirma que este distanciamento familiar fez como que lidasse com diversas angústias de forma solitária, levando-o a ter uma depressão severa. A irmã do paciente teve uma doença clínica grave neste período, o que exigiu intenso cuidado e atenção de seus pais. Consequentemente Daniel, em um momento particular de intenso sofrimento psíquico, sentiu-se deixado de lado pela família, o que pode ter agravado sua depressão, levando-o a ter pensamentos suicidas.

Destaca-se que os quatro participantes do estudo relataram que, ao longo da adolescência, buscaram psicoterapia por motivos diversos. O intenso trabalho psíquico para dar conta de conflitos e angústias vividos nesta etapa da vida tem levado muitos jovens a buscarem um espaço de escuta terapêutica, o que pode ser ilustrado pelos dados deste estudo e por meio de dados referentes às demandas de atendimento na clínica psicanalítica (Onófrio & Gastaud, 2012). Pesquisa realizada em uma clínica escola (Onófrio & Gastaud, 2012) demonstra que, entre os anos de 2009 e 2011, 43,7% dos pacientes adultos atendidos nesta clínica possuíam entre 18 e 29 anos. Ou seja, quase metade dos adultos atendidos no ambulatório eram adultos jovens.

Ao escutar as narrativas dos participantes sobre sua experiência de adolecer, identificou-se outro impasse que os jovens relatam enfrentar ao longo desse processo: o desejo e angústia de descobrir qual sua posição no mundo e de constituir um sentimento de si. Além disso, por consequência,

a importância do enfrentamento da solidão ao longo da adolescência. Observou-se, nos relatos trazidos pelos jovens entrevistados, a busca de um sentimento de se sentir “eles mesmos”, o que pode ser reiterado pelos estudos de Winnicott (1960/2022), que defendem o desejo do sujeito de ter contato com seu *self* verdadeiramente espontâneo.

A participante Laura descreve que, ao longo de sua adolescência, enfrentou diversos questionamentos existenciais como qual seria o sentido da vida para si. Isso lhe trouxe angústias significativas que a levaram a buscar uma psicoterapia. Sua fala ilustra a angústia vivida nesse período de descoberta de si:

Eu sentia tipo um vazio, tipo tá que eu tô fazendo aqui? Era bem aquela crise existencial sabe? Tipo que eu tô fazendo aqui? Por que eu estou aqui? Por que eu nasci aqui assim? O que que... qual é o meu papel... Tipo qual é a importância na minha relação na minha família? Eu questionava vários pontos de por que que essas pessoas são meus amigos? Esses pontos... E aí isso me trazia muita angústia porque eu não tinha certeza.

A fala de Laura explicita como ao longo da adolescência o jovem se vê interpelado pela busca de uma identidade e descoberta de si para além das referências que até então marcavam sua forma de ver o mundo. Sua narrativa referente a uma “crise existencial” e o desejo por buscar novos referenciais demonstram uma busca de sentimento de si. Apesar de Laura referir que, ao longo da adolescência, questionava-se qual seu papel no mundo e o que estava fazendo ali, já hoje em dia pode afirmar “*Tipo assim hoje em dia eu sei quem eu sou, qual o meu lugar, sabe*”. Afirmação que vem enunciada em um tom de conquista após o enfrentamento deste desafio.

A partir das narrativas expostas pelos jovens participantes desta pesquisa questiona-se se esse processo de descoberta de si, ou busca de sentir-se um ser único e integrado, é uma tarefa exclusiva do processo de passagem do mundo adolescente para adultez ou se seria este um processo constante ao longo da vida. Bulamah e Kupermann (2020), ancorados nos aportes da teoria winnicottiana, discutem se devemos realmente supor que é possível ver a identidade de uma pessoa como finita e integrada. Partindo dos conceitos de verdadeiro e falso *self*, os autores expõem que Winnicott, ao longo de sua obra, critica a visão sobre

a identidade como um fim em si mesma. Trazem como hipótese que a defesa de uma identidade sem um postulado que afirme paradoxalmente sua negação tende a efetuar um engessamento do sujeito em sua potência e mobilidade criativa (Bulamah & Kupermann, 2020).

Retoma-se a importância de se compreender que, para Winnicott, a subjetividade se divide, ou melhor se distorce em duas partes, um *self* verdadeiro e outro falso, como forma adaptativa do sujeito de lidar com a intrusão do ambiente e de proteger o *self* verdadeiramente espontâneo e autêntico, o qual aguarda uma vivência futura em um ambiente mais propício (Bulamah & Kupermann, 2020). Os autores retomam o fato de que o verdadeiro *self* advém de uma força vital ligada ao gesto espontâneo e ao recebimento do encontro com o outro. Bulamah e Kupermann (2020) afirmam que, após o sujeito atingir a capacidade de relação com objetos objetivos, já podendo fazer uso da linguagem, o verdadeiro *self* acabará por ser “incomunicável e indisponível à interpelação por objetos objetivos” (p. 185). Ainda, argumentam que a fragmentação e o movimento permanente levam a enxergar que o *self* verdadeiro ou nuclear não é uma instância identitária. “A identidade está justamente ali onde o verdadeiro *self* não está” (Bulamah & Kupermann, 2020, p. 177).

O *self* verdadeiro ou nuclear possui, em contrapartida, a função de preservar o ser (*being*) do sujeito, enquanto a continuidade do informe (*formless*) preserva a criatividade (Bulamah & Kupermann, 2020). Winnicott (1967/2019) afirma que a busca pelo *self* ocorre através de um funcionamento informe (*formless*), desordenado. E que “é apenas aqui, neste estado não integrado da personalidade, que o que descrevemos como criativo pode aparecer” (p. 86). Na obra “A criatividade e suas origens” Winnicott (1967/2019) afirma que ao adquirirem a capacidade de viver criativamente, os indivíduos passam a sentir que a vida vale a pena ser vivida. Dias (2014), outra psicanalista estudiosa da obra de Winnicott, descreve que

A criatividade está, portanto, a serviço do contato com a realidade; relaciona-se ao estar vivo e a sentir-se real, refere-se à maneira pela qual o indivíduo permite à realidade aparecer, pela qual recebe os acontecimentos, ou seja, ao modo como qualquer pessoa - bebê, criança, adulto ou velho - olha para algo ou realiza alguma coisa. (p. 231)

Portanto, propõe-se pensar que o processo vivido pelos jovens ao constituírem-se adultos passa pelo campo de construção identitária, mas, além disso, possui a tarefa essencial de se permitir preservar um estado não integrado, no qual a criatividade possa permanecer viva na vida do sujeito.

Dando sequência à discussão a respeito do uso da criatividade como forma de lidar com adversidades e impasses na vida, apresenta-se como os jovens participantes da pesquisa relataram enfrentar a chegada da pandemia do Coronavírus. Maria e João trazem em suas entrevistas que a passagem de sua adolescência para adultez foi invadida e interrompida pela pandemia do Covid-19. João descreve sua experiência da seguinte forma:

Pra mim foi difícil ali o período da pandemia principalmente porque eu não tive a quebra entre sair do ensino médio e entrar na faculdade. Pra mim eu perdi justamente esses dois anos que foi o meu terceiro e o primeiro ano de faculdade. Então pra mim é um pouco difícil falar de trabalho porque para mim a quebra do núcleo está acontecendo agora, eu voltei para a faculdade agora e eu estou frequentando a Universidade X agora. Então pra mim é muito... era um assunto muito distante, mas tá se tornando muito real agora nesse período principalmente.

A participante Maria traz em sua narrativa questões semelhantes às vividas por João com a pandemia ao afirmar que: “*assim, eu lembro que... dois anos de pandemia pegaram a minha adolescência. Então foi bem triste de certa forma porque era bem o terceiro ano então complicou bastante*”. Além disso, Maria, ao longo da entrevista, relatou que este período da pandemia lhe suscitou diversas questões de ansiedade

Que eu acho que ela intensificou ainda mais porque, tu não pode sair, não pode fazer nada, não pode ter contato com o mundo que eu não era totalmente adepta, que eu nunca tive uma amizade virtual e eu tive que começar a ver meus amigos só virtualmente, a fazer amigos na faculdade só virtualmente. Então foram experiências completamente diferentes do que eu estou acostumada.

Ela também refere, como João, a dificuldade em enxergar o fim de um ciclo para poder iniciar outro: “*eu sentia que eu estava sendo muito acelerada, meio louco assim, aí eu vi que eu precisava dar um freio*”.

Teixeira (2024), ao abordar os possíveis impasses da solidão adolescente na contemporaneidade, especialmente no contexto de jovens que cresceram no auge da virtualidade, identifica diferentes desfechos

possíveis. Salienta a autora que, na contemporaneidade, encontram-se jovens contraditoriamente isolados de si e do mundo, mas ao mesmo tempo, conectados a todo tempo. Nessa direção a autora assinala que “certos jovens estão imensamente vulneráveis, vivendo vidas paralelas distantes das relações com a alteridade e da corporeidade física, justificada pela regressão ao estado infantil de onipotência, desejantes em controlar o ambiente que outrora falhou.” (Teixeira, 2024, p. 17). Por outro lado, aponta que a busca por novos ideais faz do grupo de amigos a principal referência de identificação na adolescência, enquanto a internet amplia esse processo por meio de diversos canais de interação. Teixeira (2024) conclui que a virtualidade é atualmente um campo frutífero para os jovens buscarem novos objetos de amor, operando também como um espaço que possibilita o brincar tal como área potencial.

As referências de ambos os participantes ao tema da aceleração e da falta de tempo para assimilar tudo o que ocorria em suas vidas são inicialmente atribuídas somente à pandemia. Cabe, porém, a reflexão sobre a forma como, independente da experiência singular da pandemia, o processo de saída da adolescência e entrada para o mundo adulto vem sendo imposto como uma tarefa que os jovens necessitam realizar rapidamente e de forma satisfatória. Pode-se pensar que, independentemente da vivência de uma pandemia, enfrentar experiências como sair do colégio, entrar na faculdade, no mundo do trabalho, enfim ter que lidar com questões da adultez sejam questões desafiadoras que muitos jovens nunca tenham enfrentado até então em suas vidas. As cobranças internas e externas de pressa em aprenderem a lidar com situações novas, que naturalmente geram angústias e medos, apontam para uma fantasia de que é possível se sentir totalmente preparados para lidar com adversidades sem ter que enfrentar seu estado natural de desamparo e angústia.

Pode-se pensar o quanto estes impasses, descobertas, desafios, poderiam também serem experimentados com condições lúdicas e criativas. Nessa direção, o conceito de brincar proposto por Winnicott (1967/2019) auxilia na reflexão sobre atividades criativas na transição à adultez. Winnicott (1967/2019) reitera ao longo de sua obra em mais de um momento que a teoria do brincar serve tanto para crianças quanto para adultos. Para ele, o brincar não ocorre nem dentro nem fora. Ele não está nem dentro do controle onipotente individual nem verdadeiramente externo, o não eu,

pois se encontra na área intermediária da transicionalidade. Para Winnicott (1967/2019) o brincar ocorre no fazer e, desta forma, questiona-se se os jovens têm sido privados do prazer de brincar e descobrir a vida no fazer. O brincar também se relaciona com a busca de um sentimento de si, com o sentimento de ser verdadeiro e real. Cabe ressaltar, como afirma Winnicott (1971a/2019), que “é no brincar, e apenas no brincar que a criança ou adulto conseguem ser criativos e utilizar toda sua personalidade, e somente sendo criativo o indivíduo pode descobrir o *self*” (pp. 92-93). Dessa forma, considera-se imprescindível que, ao longo do processo de tornar-se adulto, o jovem exerça essa modalidade de brincar descrita pelo autor, ou seja, possa ser criativo na busca e na construção de desenlaces frente a novas adversidades.

Da mesma forma, considera-se que a criatividade, compreendida por Winnicott (1971b/2019), como uma atitude de vida colorida que traz um sentimento de que a vida vale a pena ser vivida, é um aspecto essencial no processo de constituir-se adulto. O autor considera que caso a forma de viver criativa não seja desenvolvida por um indivíduo, a outra forma de se lidar com a realidade externa é a submissão, como algo ao qual o indivíduo deve se adequar e se adaptar, muitas vezes levando a um sentimento de futilidade e falsidade, associado a um sentimento de que nada importa e que a vida não vale a pena ser vivida. Segundo Winnicott (1971b/2019), “cruelmente, muitos indivíduos experimentam apenas o suficiente da vida criativa para reconhecer que, na maior parte do tempo, vivem de maneira não criativa, como se estivessem presos na criatividade de outra pessoa ou de uma máquina” (p. 108). Ou seja, as vivências do indivíduo ficam dissociadas de um sentimento de **experiência**. Este processo de descoberta do mundo adulto pode se dar através de uma lista de tarefas práticas a serem concluídas, como disse o autor, em um formato do sujeito se submeter aos desejos dos outros e adequar-se às normas sociais, ou pode, em contrapartida, ser um processo individual de descoberta e criação criativa de uma vida que vale a pena ser vivida.

Maria, ao descrever seu processo de entrada na faculdade, diz que inicialmente encarava estes desafios como sendo tarefas já predefinidas a serem seguidas ao sair do colégio. Porém, a participante narra que não foi sua idade que definiu estar ou não pronta para este momento singular.

Porque eu percebi que eu ainda não estava pronta, porque eu entrei na faculdade com 17 anos. Eu sentia que eu estava sendo muito acelerado, meio louco assim, aí eu vi que eu precisava dar um freio, tem gente que tira até um ano sabático, dá um ano assim pra ver o que quer. Eu já sabia qual curso eu queria por isso que eu entrei, mas eu comecei a ter muitas dúvidas porque foi muita mudança em dois anos assim direto. Mas aí no segundo semestre eu já tava mais adaptada, parecia que já era o meu território. Mas essa transição foi bem puxada, eu cogitei desistir, trancar o curso. Ali nas primeiras semanas deu um desespero porque no segundo dia de aula já estavam montando grupo eu não conhecia ninguém então já bateu um pouco desse desespero, mas depois quando eu comecei a criar laços a partir desses grupos, começou a dar uma tranquilizada e eu comecei a me sentir mais integrada.

Questiona-se o sentido que a participante atribui ao dizer que se sentiu “mais integrada”. Integrada ao grupo? À faculdade? Ou talvez além de se sentir integrada às pessoas também se pode pensar no processo de integração de si mesma ao enfrentar seus medos e angústias. Ao ser questionada sobre o que acreditava que a ajudou nessa condição de integração e enfrentamento, a participante diz

Encarar meus medos. Medo de começar uma faculdade online, medo de não conseguir fazer amizades, medo de encarar essa vida adulta que é... Antes eu não saía sozinha agora eu já estou saindo sozinha, já totalmente sozinha. Então estou botado a cara pra bater e indo à luta. Então estou encarando esses medos.

A narrativa de Maria expressa uma descoberta ao longo do processo de como lidar com adversidades de forma criativa. Foi somente no fazer que pode descobrir a si mesma e seus recursos neste processo de crescimento e enfrentamento de angústias, pois, como diria Winnicott (1967/2019), “Brincar é fazer” (p. 74).

Por fim, conclui-se que, ao longo do processo de tornar-se adulto, cada jovem terá que experimentar a singularidade de impasses, conflitivas bem como a capacidade de criar recursos próprios para lidar com esta travessia adolescente para adultez. A falta de amparo familiar e grupal pode tornar esse processo ainda mais desafiador. Destaca-se, por outro lado, o fato de que não há como esta caminhada se dar sem angústia e medos visto que o sujeito encarará desafios nunca vividos antes e que também colocam em xeque suas condições de enfrentá-los de forma

criativa. A forma como cada indivíduo lidará com esses impasses dependerá, portanto, dos recursos internos possíveis a serem acionados para lidar com as adversidades.

Constatou-se que, maiores dificuldades podem se apresentar, quando o jovem busca respostas preconcebidas e estereotipadas, frente aos desafios inerentes à transição para a vida adulta. Cabe ressaltar, portanto, o valor de um trabalho, no qual o jovem construa, desde suas singulares condições, recursos para lidar com adversidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escutar sujeitos, no contexto de uma pesquisa, a partir de uma condição que permita acompanhar narrativas sobre o vivido é um desafio interno a ser encarado. A consideração e acolhimento à singularidade de cada sujeito situa o pesquisador como testemunha de suas experiências sobre o tema do qual foi convidado a discorrer. Assim sendo, a presente pesquisa se propôs a problematizar os impasses, conflitivos e recursos próprios à travessia adolescente à adultez na contemporaneidade a partir da escuta de narrativas de quatro jovens que vivenciavam o processo de se constituírem como adultos. Tanto o delineamento metodológico de uma pesquisa psicanalítica, como a opção dos aportes teóricos para explorar os achados do estudo, possibilitaram explorar a complexidade relativa a esta travessia neste importante momento da vida.

A pesquisa realizada buscou explorar nuances nas diferentes condições de desamparo ao longo desse caminho, bem como identificar aspectos nomeados pelo jovens como desafios ou como facilitadores das experiências de acesso ao mundo adulto relacionados com a cultura atual. Salienta-se que, o objetivo de uma pesquisa psicanalítica, não é criar generalizações no processo de produção de conhecimento, mas, sim, ressaltar o valor da escuta da singular experiência de cada participante, no intuito de obter uma compreensão consistente a respeito do problema de pesquisa.

Dessa forma, as entrevistas possibilitaram testemunhar quatro singulares trajetórias de jovens, desvelando a presença de temáticas relativas à autonomia, independência, responsabilidade, desamparo, expectativas e angústias. Alguns participantes se mostraram mais livres

para narrar seus medos e angústias ao longo do processo de aproximação à adulez, enquanto outros pareceram se sentir mais relutantes frente ao julgamento e críticas atribuídos às figuras parentais. O processo de se constituir adulto é, sobretudo, um desafio na vida do sujeito, contemplando a experiência de lidar com sua própria castração, os limites, o enfrentamento do desamparo e a contínua demanda de ser criativo frente as diversas demandas da vida.

Por meio da escuta das narrativas dos quatro participantes do estudo evidenciou-se que o processo de se constituir adulto na contemporaneidade é marcado por intenso e singular trabalho psíquico de insistência e repetição. Observa-se que as conquistas de autonomia e independência podem ser, a todo momento, (re)articuladas e (re)conquistadas. É necessário ressaltar que ser adulto não prescinde de uma condição de enfrentamento da angústia. Identificou-se nas narrativas a expectativa dos jovens de que, na adulez, possam contar com recursos de enfrentamento frente a intercorrências, imprevistos e desafios, sem necessariamente deixar-se paralisar pelo temor e angústia.

Ao longo do estudo, procurou-se demonstrar que o processo de se constituir adulto advém de uma *travessia singular* a ser percorrida por cada jovem. Entende-se, por meio dos aportes das entrevistas apresentadas, que o trabalho psíquico da entrada no mundo adulto ocorre mediante uma experiência subjetiva que conjugam o enfrentamento de mudanças com ampliações do mundo interno e externo.

Constituir-se como adulto não ocorre através de um único marco na vida dos jovens, mas, sim, de um processo de apropriação de experiências de individuação e alteridade. Buscou-se, por meio dos aportes winnicottianos, explorar uma forma de viver criativa que se utiliza do brincar para construir uma vida rica que vale a pena ser vivida. Reafirma-se, assim, a consideração de Winnicott (1967/2019) sobre a importância do lúdico: “é fundamental destacar que o brincar é uma experiência, uma experiência sempre criativa, uma experiência no continuum espaço-tempo, uma forma básica de viver” (p. 88).

Acredita-se que os jovens necessitam ser reafirmados em sua capacidade individual de enfrentar desafios, a fim de poderem descobrir e vivenciar o continuum de uma experiência criativa frente as demandas da vida. Assim,

usufruir do amparo e do acolhimento frente aos impasses da travessia à adultez, pode ter como ressonância, no jovem, o prazer advindo de uma forma de viver, na qual, a presença do lúdico tenha espaço.

Por fim, cabe reconhecer a importância de que novos estudos possam voltar-se para esta relevante temática uma vez que se faz evidente a complexidade do processo de transição adolescente à etapa adulta. Esta pesquisa, baseada nos aportes da psicanálise, não visou encerrar investigações acerca desta temática, mas sim, estimular que mais produções, principalmente amparadas no testemunho de jovens que estejam experienciando este processo, possam ser realizadas. Conclui-se que uma investigação baseada no método psicanalítico de forma coerente com seus pressupostos reconhece e valoriza a impossibilidade de abarcar a totalidade de qualquer saber. A psicanálise encontra nesse reconhecimento o impulso sistemático que motiva sua investigação constante acerca dos impasses da existência humana.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A., & Knobel, M. (2003). *Adolescência normal* (S. M. G. Ballve, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho originalmente publicado em 1970)
- Birman, J. (2020). *O sujeito na contemporaneidade* (2a ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bulamah, L., & Kupermann, D. (2020). O verdadeiro *self* em Winnicott e a questão da identidade. *Psicologia em Pesquisa*, 14(1), 169-188. DOI: 10.34019/1982-1247.2020.v14.27731.
- Calligaris, C. (2000). A adolescência como ideal cultural. In *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Canavêz, F., & Câmara, L. (2020). O laço social contemporâneo a partir da experiência adolescente. *Estilos da Clínica*, 25(2), 264-279. DOI: 10.11606/issn.1981-1624.v25i2.p000264-279.
- Cintra, E. M. U. (2018). Dominar, submeter-se, libertar-se: Jessica Benjamin e os laços de amor. *Psicologia em Revista*, 24(3), 686-704.
- Dal Forno, C., & Macedo, M. M. K. (2021). Pesquisa psicanalítica: da transferência com a psicanálise à produção do ensaio metapsicológico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 37, 1-10. DOI: 10.1590/0102.3772e37406.
- Dockhorn, C. N. B. F., & Macedo, M. M. K. (2015). Estratégia clínico-interpretativa: um recurso à pesquisa psicanalítica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(4), 529-535. DOI: 10.1590/0102-37722015042473529535.
- Dias, E. O. (2014). *A teoria do amadurecimento em Winnicott*. São Paulo: DWW Editorial.
- Erikson, E. H. (1972). *Identidade: juventude e crise* (A. Cabral, trad.). Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho originalmente publicado em 1968).
- Freud, S. (1996). Projeto para uma psicologia científica. In J. Strachey (Org. & Trad.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – Volume I*, (pp. 335-454). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1895).
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In P. C. de Souza (Trad.). *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (pp. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1914).

- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In P. C. de Souza (Trad.). *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias a psicanálise e outros textos (1930-1936)*, (pp. 13-122). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1930).
- Lo Bianco, A. C. (2003). Sobre as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise. *Psico-USF*, 8(2), 115-124.
- Minerbo, M. (2019). Ser e sofrer hoje. In M. Minerbo, I. Botter, & L. Botter (Col.). *Novos diálogos sobre a clínica psicanalítica*. (Cap. 6, pp. 201-232). São Paulo: Blucher.
- Oliveira, H. M., & Hanke, B. C. (2017). Adolescer na contemporaneidade: uma crise dentro da crise. *Agora*, 20(2), 295-310. DOI: 10.1590/1809-44142017002001.
- Onófrio, I. P., & Gastaud, M. B. (2012). Adultos atendidos em ambulatório de saúde mental. *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 13, 53-71.
- Rocha, A. P. R., & Garcia, C. A. (2008). A Adolescência como ideal cultural contemporâneo. *Psicologia ciência e profissão*, 28(3), 622-631.
- Rosa, M. D., & Carmo-Huerta, V. (2020). O que resta da adolescência: despertar nas fronteiras e nos *fronts*. *Estilos da Clínica*, 25(1), 5-20. DOI: 10.11606/issn.1981-1624.v25i1p5-20.
- Silva, M. M. (2012). Freud e a atualidade de O mal-estar na cultura. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 1(1), 45-72.
- Teixeira, L. D. (2024). Impasses da solidão adolescente e seus destinos no contexto virtual contemporâneo. *Tempo Psicanalítico*, 56, e-862. DOI: 10.71101/rtp.56.862
- Turato, E. R. (2010). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Winnicott, D. W. (1994). Deduções a partir de uma entrevista terapêutica com uma adolescente. In C. Winnicott, R. Shepherd, M. Davis (Orgs.). *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott* (pp. 427-432). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho originalmente publicado em 1964).
- Winnicott, D. W. (1999). A imaturidade do adolescente. In D. W. Winnicott. *Tudo começa em casa*. (pp. 145-163). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1986).

- Winnicott, D. W. (2019). O brincar: proposição teórica. (B. Longhi, Trad.) In L. Fulgencio (Ed.) *O brincar e a realidade* (Cap. 3, pp 69-90). São Paulo: Ubu (Trabalho originalmente publicado em 1967).
- Winnicott, D. W. (2019). O uso de um objeto e a relação por meio de identificações. (B. Longhi, Trad.) In L. Fulgencio (Ed.) *O brincar e a realidade* (Cap. 6, pp 141-153). São Paulo: Ubu (Trabalho originalmente publicado em 1968).
- Winnicott, D. W. (2019). O brincar: atividade criativa e a busca do self. (B. Longhi, Trad.) In: L. Fulgencio (Ed.) *O brincar e a realidade* (Cap. 4, pp 91-107). São Paulo: Ubu (Trabalho originalmente publicado em 1971a).
- Winnicott, D. W. (2019). A criatividade e suas origens. (B. Longhi, Trad.) In L. Fulgencio (Ed.) *O brincar e a realidade* (Cap. 5, pp 108-140). São Paulo: Ubu (Trabalho originalmente publicado em 1971b).
- Winnicott, D. W. (2022). A capacidade de ficar sozinho. (I. C. S. Ortiz, Trad.). *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador* (Cap. 2, pp. 34-43). São Paulo: Ubu. (Trabalho originalmente publicado em 1958).
- Winnicott, D. W. (2022). Distorções do ego em termos de self verdadeiro e falso self. (I. C. S. Ortiz, Trad.). *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador* (Cap. 12, pp. 177-194). São Paulo: Ubu. (Trabalho originalmente publicado em 1960).
- Winnicott, D. W. (2022). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. (I. C. S. Ortiz, Trad.). *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador* (Cap. 7, pp. 104-116). São Paulo: Ubu. (Trabalho originalmente publicado em 1963).

Submetido em: 23/08/2023

Revisado em: 27/02/2026

Aceito em: 28/02/2026

NOTAS

¹ A pesquisa realizada está vinculada ao projeto “Trauma – (im)possibilidades de suas vicissitudes”, coordenado pela Profa. Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul mediante Parecer Consubstanciado de N.º 5.096.848.

² Pseudônimos atribuídos aos participantes da pesquisa.